

# **DRAMATURGIAS NEGRAS PUBLICADAS NO BRASIL NO SÉCULO XXI: TERRITÓRIOS ESTÉTICOS, CULTURAIS E POLÍTICOS**

Elton Bruno Soares de Siqueira – (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE)<sup>1</sup>

## **RESUMO**

A partir de um corpus constituído de textos teatrais escritos e publicados por brasileiras negras e negros neste século XXI, a pesquisa se propõe a investigar características do que se tem comumente chamado de “dramaturgia negra” (ANUNCIACÃO, s/d; JOVINO DA SILVA, 2018; LIMA & LUDEMIR, 2018; BENEVENUTO, SOUZA & ALEXANDRE, 2018). A problemática da pesquisa compreende as seguintes indagações: o que são essas dramaturgias negras? Quais dispositivos estéticos, ideológicos e políticos podem ser identificados nessas produções? É possível identificar elementos estéticos e culturais comuns nesses textos dramáticos? Este trabalho se propõe a oferecer os primeiros resultados da pesquisa, em que se delineiam dois territórios possíveis dessa produção dramática: o primeiro contém textos que se caracterizam pelo discurso de afirmação da identidade negra; o segundo reúne projetos do que estou chamando, provisoriamente, de dramaturgia do tropeço, tomando de empréstimo o termo criado por Anderson Feliciano (2021) para uma dramaturgia de autoria negra que busca construir sua identidade no próprio processo em que se realiza. Esta pesquisa faz opção por um posicionamento anticolonial, engajando-se na ação política e epistemológica de uma leitura crítica da colonialidade/decolonialidade, a fim de contribuir, numa postura antirracista, para um debate aprofundado – e, assim, para uma maior visibilidade – da produção escrita por negras e negros brasileiros para o teatro feito no país.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Dramaturgias negras; Teatro negro; territórios estéticos; colonialidade; anticolonialidade.

## **ABSTRACT**

From a corpus consisting of theatrical texts written and published by black Brazilians men and women in this 21st century, the research proposes to investigate characteristics of what has been commonly called "black dramaturgy" (ANUNCIACÃO, s/d; JOVINO DA SILVA, 2018; LIMA & LUDEMIR, 2018; BENEVENUTO, SOUZA & ALEXANDRE, 2018). The research problematic comprises the following inquiries: what are these black dramaturgies? What aesthetic, ideological, and political devices can be identified in these productions? Is it possible to identify common aesthetic and cultural elements in these dramatic texts? This paper proposes to offer the first results of

---

<sup>1</sup> Professor Associado I do curso de Teatro/Licenciatura, no Departamento de Artes, e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos (PPGDH), ambos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Tem experiência nas áreas de Crítica Literária e Teatral, Literatura Dramática e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: estética decolonial; crítica literária e teatral; teatro e relações étnico-raciais; teatro, gênero e sexualidade; Direitos Humanos e Direitos Culturais. E-mail: [elton.siqueira@ufpe.br](mailto:elton.siqueira@ufpe.br).

the research, in which two possible territories of this dramaturgical production are outlined: the first contains texts that are characterized by the discourse of affirmation of black identity; the second gathers projects of what I am provisionally calling stumbling dramaturgy, borrowing the term created by Anderson Feliciano (2021) for a dramaturgy of black authorship that seeks to build its identity in the very process in which it is performed. This research opts for an anti-colonial stance, engaging in the political and epistemological action of a critical reading of coloniality/decoloniality, in order to contribute, in an anti-racist stance, to an in-depth debate - and, thus, to a greater visibility - of the production written by black Brazilian men and women for the theater made in the country.

## **KEYWORDS**

Black dramaturgies; Black theatre; aesthetic territories; coloniality; anti-coloniality.

Eu gostaria de começar por saudar, em memória, o Prof. Abdias Nascimento, que, dentre as inúmeras ações realizadas em favor da causa antirracista e pelas lutas constantes para garantir cidadania à população negra no Brasil, escreveu, em 1961, seu “Drama para negros e prólogo para brancos”, primeira antologia publicada no Brasil contendo peças exclusivamente sobre a temática da negridade.

Saúdo, também em memória, Ubirajara Fidalgo, que, à frente do Teatro Profissional do Negro (TEPRON), entre as décadas de 70 e 80, escreveu peças para teatro, duas das quais publicadas na tese de Doutorado de Girlene Verly Ferreira de Carvalho Rezende, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais (2017).

Minhas saudações ao escritor Luiz Silva, o Cuti, um dos fundadores dos **Cadernos Negros**, uma série literária independente que veicula textos afro-brasileiros, tendo escrito também textos para teatro, ainda que pouco publicados.

Dedico humildemente este trabalho a esses antecessores e às dramaturgas e aos dramaturgos negros brasileiros que, no século XXI, vêm encorpando um movimento estético e político da negridade no teatro feito em território nacional. Saúdo Aldri Anunciação, jovem dramaturgo, que, através do portal melaninadigital.com, vem fazendo um trabalho extraordinário de catalogação de dramaturgas e dramaturgos negros brasileiros de todos os tempos: Leda Maria Martins, Alan Rosa, Alexandre de Sena, Amarildo Felix, Anderson Feliciano da Silva, Carlos Canarin, Cidinha da Silva, Cristiane Sobral, Débora Almeida, Dione Carlos, Daniel Arcades, Elísio Lopes Jr., Felipe Oládélè Soares, Gabriel Cândido, Grace Passô, Jé Oliveira, Jhonny Salaberg, Jô

Bilac, José Fernando Peixoto de Azevedo, Licínio Januário, Luan Valero, Lucas Costas, Luh Maza, Lorena Lima, Macis Silva, Marcos Fábio de Faria, Maria Shu, Mariele Lemos, Paulo Nery, Priscila Gomes, Rodrigo França, Rodrigo Jerônimo, Rudinei Borges dos Santos, Sol Miranda, Tassio Ferreira, Vera Lopes, Viviane Jugeiro, Xis Makeda, e tantas outras dramaturgas e dramaturgos negras e negros que escreveram para o teatro e (ainda) não tiveram a oportunidade de entrar para o mercado editorial.

Minha apresentação traz os primeiros resultados de uma pesquisa maior, iniciada em 2019, com o título DRAMATURGIA NEGRA - PANORAMA E ANÁLISE DE TEXTOS PUBLICADOS A PARTIR DE 1940. O projeto se propõe a investigar o que vem sendo chamado de “dramaturgia negra”, a partir da leitura e análise de textos dramáticos produzidos e publicados por artistas negros brasileiros, desde os anos 1940 aos dias atuais. O objetivo é fazer um mapeamento crítico dessas produções textuais, com o intuito de compreender sua dinâmica, além de contribuir para divulgar, difundir e conferir maior visibilidade de tais produções.

O estudo se atém a textos dramáticos já publicados, visando identificar suas questões históricas, estéticas, sociais, culturais e políticas. A opção por textos publicados se deu não somente por facilitar, num primeiro momento, a localização e catalogação das obras, mas também por direcionar o olhar para o mercado editorial de dramaturgias no Brasil, o que também é um dos interesses da pesquisa.

No primeiro contato com o corpus, vieram algumas indagações que se tornaram norte para o desenvolvimento da pesquisa, tais como: o que são essas dramaturgias negras? Quais dispositivos estéticos, ideológicos e políticos podem ser identificados nessas produções? É possível identificar elementos estéticos e culturais comuns que constituem esses textos dramáticos? A categorização [dramaturgia negra], nesse sentido, parte de uma questão de militância negra ou pode, de fato, nos fazer compreender sobre a produção dos grupos teatrais constituídos majoritariamente por pessoas negras? Não pensar em dramaturgia negra seria praticar epistemicídio, no sentido de que há valores simbólicos, culturais e morais nessas produções que expressam aquilo que Abdias Nascimento chamava de “experiência do negro no Brasil”? Sendo assim, o que une ou afasta essas produções que estamos chamando de dramaturgia negra? Que relações elas mantêm com o que Gómez Moreno e Mignolo (2012) chamam de estéticas decoloniais, ou mesmo com uma atitude anticolonial?

Esta pesquisa faz opção por um posicionamento decolonial, engajando-se numa ação política e epistemológica de uma leitura crítica da colonialidade/decolonialidade, a

fim de contribuir, numa postura antirracista, para um debate aprofundado e, assim, para uma maior visibilidade da produção escrita do negro brasileiro destinada ao teatro feito no país.

### **Dramaturgias negras, estéticas decoloniais**

Pedro Paulo Gómez Moreno e Walter D. Mignolo têm sido os primeiros pesquisadores a buscar delimitar o conceito de “estéticas decoloniais”. Para eles, ao contrário da estética relacional (BOURRIAUD, 2009), com a qual, em nossos contextos latino-americanos, torna-se problemático sustentar a coexistência, sem conflito, de todas as tendências não ocidentais, as estéticas decoloniais se afirmam como estéticas da re-existência (ACHINTE, 2012a), que, no campo da cultura, se dão como “campo de batalha ideológico”.

Ainda segundo eles, em nosso contexto histórico, estão começando a aflorar presenças étnicas ou etnizadas, como indígenas ou afrodescendentes, que constroem dispositivos políticos de autorrepresentação, para revitalizar memórias duradouras através de formas estéticas/artísticas que contribuem para o fortalecimento de suas próprias identidades e histórias.

Na mesma perspectiva da transmodernidade, proposta por Dussel, como projeto de libertação mundial, a estética da re-existência, estética do ato criativo, assume a estética como *aesthesis*, ou seja, como o amplo mundo do sensível, e a existência como o conjunto de dispositivos historicamente gerados pelas comunidades para reinventar a vida, em confronto com os padrões de poder que as determinaram, incluindo a própria concepção de estética e arte ocidental. (GÓMEZ MORENO & MIGNOLO, 2012a, p. 11)

Para Mignolo (2012a), as estéticas decoloniais estão orientadas para a descolonização da estética moderna e suas mutações – a estética pós-moderna e a altermoderna. A opção decolonial nos permite investir contra uma estética historicamente marcada por um padrão europeu de regras de como alcançar o belo ideal, a fim de liberar do conceito disciplinar o seu étimo *aesthesis* – percepções sensórias: sentir com todo o corpo. Trata-se de dissociar o pensar e o fazer artístico – e o fazer pensando o artístico – da ansiedade pelo novo e aderir à celebração das formas comunais – não imperiais – da vida.

Em nossa pesquisa, trabalhamos com a hipótese de que o teatro negro e sua dramaturgia, no Brasil, constituem uma expressão dessas estéticas decoloniais de que trataram Gómez Moreno & Mignolo (2012a). Dois argumentos contribuíram para a formulação dessa hipótese. O primeiro deles vem de Abdias do Nascimento, no seu Prólogo para brancos, que começa por falar:

DRAMAS PARA NEGROS E PRÓLOGO PARA BRANCOS exige uma explicação e implica várias perguntas. Neste título, configura-se a polarização de um drama para negros. Quanto ao primeiro, é o teatro que aí está vigente nas culturas predominantemente brancas – as culturas ocidentais. Entretanto, será a condição de negro e de africano estranha ao drama? Se há drama negro, sua intensidade dramática será uma resultante da cor, da raça, do seu itinerário histórico? Por que, diferentemente do drama ocidental (branco), a dramática africana (negra) secundariza o autor para fixar sua importância no sucesso trágico? Quais as relações de interdependência que guarda esta dramática com a religião, os ritos, a mitologia, a sociologia? Ou, como assevera Roger Bastide, será que o teatro, religiosamente originado, “surge apenas quando a fé diminui, permitindo ao homem representar o mistério divino em vez de vivê-lo? Mas o nosso trabalho antológico do drama negro no Brasil revela outra dimensão, na qual surge a voz autêntica do negro, como raça e como homem de cor: a vida social. Ser e viver como negro não é uma peripécia comum na vida ocidental. Raça e cor diferenciam-nos e tornamos a sensibilidade específica, desenvolvida no século da consciência negra, uma nova dimensão criadora. (NASCIMENTO, 1961, p. 9-10).

Ou seja, se raça e cor diferenciam sociologicamente os sujeitos e, por isso, os negros constroem subjetividades e sensibilidades específicas, a dramaturgia escrita e encenada por negros parecem apontar para experiências estéticas divergentes, diferentemente dos modos ocidentais de o branco fazer teatro.

O segundo argumento adveio de Salloma Salomão Jovino da Silva, na apresentação do livro “Negras Insurgências”:

Nesse sentido, Teatro Negro automeado nas sociedades de história colonial é, antes de tudo, teatro político, porque entende bem das formas triplas de dominação de classe, raça e gênero. Seus agentes são aqueles e aquelas que então definem o quanto necessário é recompor e atualizar as possibilidades de atribuir novo sentido à noção de política nas sociedades pluriétnicas, tratadas como se fossem monoculturais, como é o caso da sociedade brasileira. Desconstruir o conceito de cultura nacional una, elaborada por ideólogos da elite branca, é antes de tudo conduzir a audição para vozes historicamente silenciadas e cavar uma morada digna para ossadas insepultas que secam ao sol. (CAPULANAS CIA DE ARTE NEGRA & JOVINO DA SILVA, 2018, p. 12)

Depreende-se dessas fortes palavras de Jovino da Silva que o teatro negro tem a dimensão política mais acentuada, ao lado da estética. Isso porque se põe na perspectiva crítica quanto ao processo de dominação de classe, raça e gênero. Como a noção de cultura nacional una, legada do Iluminismo e da filosofia romântica, pertence à

modernidade/colonialidade, o teatro negro se põe na fronteira desse pensamento, num entrelugar decolonial, participando, assim acreditamos, de uma estética decolonial.

“Dramaturgia Negra” é título da primeira antologia de textos para teatro, escritos por dramaturgas e dramaturgos negros contemporâneos no Brasil. A organização do volume coube a Eugênio Lima e Julio Ludemir (2018). Segundo os organizadores, essa primeira antologia reflete modos de pensar e criar a experiência negra no Brasil.

O qualitativo “negra” atribuído ao conceito até então universal de “dramaturgia” revela uma vertente do drama até então atuante, mas pouco problematizada no Brasil, sobremaneira, em razão do silenciamento das vozes e das culturas negras, sempre em nome da capciosa e equivocada concepção da democracia racial que pretensamente vivemos. Valendo-nos da metáfora usada por Mignolo (2003), trata-se, aqui, de histórias locais – negras – inscritas em desenhos globais – brancos, ocidentais. Por tudo isso, procuramos compreender e trabalhar com a expressão “dramaturgia negra” como uma categoria teórica.

O drama, tal como foi concebido ao longo da história das culturas europeias hegemônicas, tem uma relação formal com essas histórias e com os temas a ela relacionados. Os temas que extrapolam a forma eurocentrada de compreender o mundo (ideologia) simplesmente não cabem mais na estrutura dramática sem lhe provocar uma crise. A dissimetria e incompatibilidade entre tema e forma provocam fissuras na estrutura do drama, gerando novas formas poéticas, às quais estamos atentos em nossa pesquisa.

### **Territórios estéticos, culturais e políticos**

A pesquisa da qual este trabalho é parte procura seguir o método cartográfico. Em vez de dacar o real num *a priori* do método (DELEUZE; GUATTARI, 1997), optamos, primeiramente, por um mapeamento como passo inicial para a compreensão da cartografia como método. Mais do que a representação geográfica de um espaço, o mapa é aqui compreendido como experimentação fundamentada no real, em meio a elementos heterogêneos que podem encontrar um ponto comum de ação e composição (RENA, 2018).

O método cartográfico não se propõe a desvelar a realidade. Parte do princípio de que o conhecimento não é representação, mas criação e construção dessa mesma

realidade, que se encontra em movimento e em constante transformação. O acesso a essa dimensão processual dos fenômenos implica o acesso a uma zona comum entre sujeito e objeto, sem a hierarquia dos fatores, que sustenta a construção de um mundo comum e heterogêneo (KASTRUP; PASSOS, 2013).

Kastrup; Passos (2013, p. 270) também nos fazem ver que a participação efetiva dos sujeitos envolvidos na pesquisa cartográfica faz valer o protagonismo do objeto e sua inclusão ativa na produção de conhecimento, o que, *per se*, compreende uma intervenção da realidade, já que “desestabiliza os modos de organização do conhecimento e das instituições marcados pela hierarquia dos diferentes e pelo corporativismo dos iguais”.

Nesse sentido, em nossa pesquisa, a produção de conhecimento de artistas e intelectuais negras e negros, veiculada pelas mais diversas *media*, participa das nossas interlocuções e nos guia para pensarmos e construirmos, dentro do fluxo das produções dramáticas negras, territórios comuns, nos quais confluem aspectos estéticos, culturais e políticos.

Dito isso, sigamos com nossas considerações a respeito do tema proposto. Em primeiro lugar, nos identificamos com a Profa. Leda Maria Martins (2020), quando afirma que o teatro negro é inclusivo, daí a abertura para diversos matizes, para os rizomas. Mais coerente seria denominá-lo de “teatros negros”. Da mesma forma, podemos compreender a produção dramática negra brasileira no plural, designando-a de “dramaturgias negras”, haja vista a heterogeneidade que essa atividade nos apresenta.

No estágio atual da pesquisa, começam a se delinear dois territórios possíveis dessas produções dramáticas. O primeiro é constituído de textos que se caracterizam pelo discurso de afirmação da identidade negra. Essa identidade se constitui pela memória, indo beber nas fontes de um passado colonial/escravocrata, como é o caso de *Mato Cheio*, de Johnny Salaberg; ou mesmo num passado pessoal, íntimo e afetivo, a exemplo de Jé Oliveira, em *Farinha com Açúcar, ou Sobre a Sustança de Meninos e Homens*.

Por vezes, nos deparamos com um discurso identitário que flerta com o essencialismo, associando a cor da pele a características psicológicas e atitudinais particulares, como podemos perceber em Licínio Januário (*Será que vai chover?*) e em Alexandre de Sena (*O que não vaza é pele*). Outras tantas vezes, a reencenação das opressões, dos golpes e das injustiças pelos quais sofre a maior parte das populações negras no Brasil avulta como denúncia, ao mesmo tempo em que delimita as fronteiras

das identidades negras periféricas (Johnny Salaberg, em *Buraquinhos ou O vento é inimigo do picumã*; Jé Oliveira, em obra já citada). Há casos ainda em que essa identidade negra é afirmada a partir de sua matriz africana, negando criticamente o presente e apontando para um afrofuturismo, como no caso de *Ialodês*, da Dione Carlos.

O segundo território reúne projetos do que estou chamando, provisoriamente, de dramaturgia do tropeço, fazendo eco ao termo criado por Anderson Feliciano (2021) para uma dramaturgia de autoria negra que busca construir sua identidade no próprio processo em que se realiza. O movimento é inverso ao do território anterior. Em vez de partir de um discurso identitário que serve de combustível para a elaboração dramaturgical, a dramaturgia do tropeço busca alcançar uma identidade que lhe escapa, que lhe falta.

*Qu'est-ce que c'est ça, le nègre?*, perguntaria Fanon, em *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Nesse mesmo livro, no capítulo intitulado *A Experiência Vivida do Negro*, diante de uma acusação “Olhe, um negro”, Fanon escreve as seguintes linhas: “tropecei já na contravertente, e o outro, por meio de gestos, atitudes, olhares, fixou-me, como se fixa um corante com um estabilizador. Eu me enfureci, exigi uma explicação... Nada adiantou. Explodi. Eis aqui os estilhaços recolhidos por um outro eu.” (FANON, 2020, p. 115).

Diante do racismo, o sujeito sucumbe, tropeça, se depara com a falta. André Lepecki (2017) se vale da metáfora do tropeço para pensar a dança de William Pope L. Tanto Fanon, quanto Lepecki serviram de inspiração para o Anderson Feliciano elaborar o seu conceito de “Dramaturgia do Tropeço”. Nas palavras do próprio dramaturgo, “a Dramaturgia do Tropeço aliou as tensões que nos afetam e moldam a nossas subjetividades a uma escrita performática e também a uma concepção alternativa de arquivo, o que permitiu, a meu ver, criar imagens e narrativas que potencializaram a elaboração de ficções ainda ofuscadas pela cortina de fumaça da branquitude” (FELICIANO, 2020, 121). Para o autor, analisar a dramaturgia contemporânea escrita por *pretos* é navegar por mares desassossegados, porque o próprio qualificativo “preta” encontra-se em estado constante de definição.

Vê-se, aqui, que os estilhaços da subjetividade negra é o que move a construção dramaturgical nos textos que compõem esse território, cuja identidade vai se tecendo no próprio ato da escrita. Além do trabalho de Feliciano, identificamos essas características na dramaturgia de Grace Passô, particularmente “Vaga Voz” e “Preto” (escrita em parceria).



## **Últimas considerações, por ora**

Em nosso percurso, ainda em construção, a cartografia como método vem agenciando e delineando os territórios estéticos. Para Vinhosa (2008), os territórios são caracterizados como ocorrências indiciais na paisagem urbana. Em nosso trabalho, abrimos ainda mais o conceito: compreendendo a produção dramaturgica negra como um espaço estético e discursivo, valemo-nos do método cartográfico para identificar ocorrências estéticas indiciais na paisagem teatral brasileira.

Nessas ocorrências, os elementos constitutivos não são apenas de ordem estética, mas também cultural e política. Em outras palavras, a configuração estética desses territórios está atrelada a fatores de ordem cultural e política, o que a singulariza. Do plano geral (o espaço em que estão inseridos) aos detalhes (suas particularidades estéticas e ideológicas), os territórios integram um sistema ao mesmo tempo aberto e fechado. Aberto, porque participam do meio que os abriga; fechado, porque constituem ocorrências singulares. Os agenciamentos trazem significações particulares segundo o modo de se organizar no espaço, enquanto lugar.

Esses dois territórios aos quais chegamos revelam muito da cosmovisão dessas dramaturgas e dramaturgos negros brasileiros, os quais reverberam muitos dos posicionamentos culturais, políticos e epistemológicos dos diversos movimentos negros no Brasil. A dimensão política dos dois territórios diverge no que tange ao tratamento dado à identidade racial, o que termina por interferir nas opções estéticas.

Tomando como referência a distinção que Mignolo (2008) faz entre “política da identidade” e “identidade em política”, podemos reconhecer num dos territórios textos com a suposição de que a identidade negra consiste num aspecto essencial do indivíduo e, por extensão, de sua forma de expressão; o outro território, por sua vez, tem revelado textos em que a identidade racial é problematizada, uma vez que está na ordem do discurso colonial, o qual afeta os modos de subjetivação da população negra que se aventura na produção de textos para o teatro.

Uma crítica decolonial mais radical poderá questionar a opção, tanto de dramaturgas e dramaturgos quanto de pesquisadores da área, por manter o termo

“dramaturgia” para qualificar essas produções que se posicionam contrariamente à colonialidade, já que o conceito de “drama” e seu derivado “dramaturgia” advêm da concepção europeia de teatro. O escopo dessa pesquisa não se atém a uma tal discussão teórica, mesmo considerando-a pertinente e relevante. A investigação parte de uma realidade inalienável: há no Brasil dramaturgas e dramaturgos negros, automeados como tais, que optam por escrever e publicar seus textos como dramaturgias (negras). Esses textos se tornam, então, objetos de nossa apreciação estética e crítica. Neles, podemos identificar os dispositivos decoloniais ou anticoloniais que poderão, inclusive, implodir a estrutura do texto dramático da(s) maneira(s) como o Ocidente a concebe.

Como foi dito, a pesquisa está em andamento e esses foram seus primeiros resultados. Muitos textos que fazem parte do corpus ainda serão analisados e, possivelmente, outros territórios estéticos, culturais e políticos poderão avultar. A investigação desses territórios poderá contribuir – e esse é o maior objetivo da pesquisa – para uma maior compreensão das dinâmicas de produção, circulação e consumo das dramaturgias negras em solo brasileiro.

## REFERÊNCIAS CITADAS

ACHINTE, Adolfo Albán. Estéticas de la Re-existencia: ¿lo político del arte? GÓMEZ MORENO, Pedro Paulo & MIGNOLO, Walter (orgs.). **Estéticas y opción decolonial**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012a.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BENEVENUTO, Assis; SOUZA, Vinicius; ALEXANDRE, Marcos (org.). **Teatro negro**. Bejo Horizonte: Javali, 2018.

BAURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins, 2009.

CAPULANAS CIA DE ARTE NEGRA & JOVINO DA SILVA, Salloma Salomão (orgs.). **Negras insurgências: Teatros e Dramaturgias Negras em São Paulo**, perspectivas históricas, teóricas e práticas. São Paulo: Capulanas Cia. de Arte Negra, 2018.

CASTRO-GOMEZ, Santiago & GROSGOUEL, Ramón (orgs.). **El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu, 2020.

FELICIANO, Anderson. **Tropeço**. Belo Horizonte: Javali, 2020.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005.

GÓMEZ MORENO, Pedro Paulo & MIGNOLO, Walter (orgs.). **Estéticas y opción decolonial**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012a.

GÓMEZ MORENO, Pedro Paulo & MIGNOLO, Walter (orgs.). **Estéticas decoloniales** [recurso eletrônico]. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012b.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

LEPECKI, André. **Esgotar a dança: performance e a política do movimento**. São Paulo: Anablume, 2017.

LIMA, Eugenio, LUDEMIR, Julio. **Dramaturgia negra**. Rio de Janeiro: Funarte, 2018.

MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombra**. São Paulo: Perspectiva, 1995. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1993.

MARTINS, Leda Maria. Leda Martins - Estudos em Teatro Negro [Pele Negra - Escola de Teatro (s) Preto (s)]. **Youtube**, 12 de mai. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cmiemy5gJkI&t=7161s>. Acesso em: 15 de ago. 2021.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais, projetos globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. In: **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, Walter D. Aisthesis Decolonial. **CALLE 14**. 4[4]. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2010.

NASCIMENTO, Abdias. **Dramas para negros e prólogo para brancos**. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1961.

PASSOS, E.; KASTRUP, V. (2014). Cartografar é traçar um plano comum. In: E. Passos, V. Kastrup, & S. Tedesco. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum** (V. 2, pp. 15-41). Porto Alegre, RS: Sulina.

**PORTAL MELANINA DIGITAL.** O maior portal de conteúdo sobre as dramaturgias assinadas por criadores negros contemporâneos de todo o Brasil. Disponível em: <<https://melaninadigital.com/>>. Acesso em: 01 de jun. de 2021.

RENA, Alemar. **A cartografia e a pesquisa literária:** do gabinete às comunidades e às ruas. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2018v22n44p21>.

REZENDE, Girlene Verly Ferreira de Carvalho. **A dramaturgia do Teatro Experimental do Negro (TEN) e do Teatro Profissional do Negro (TEPRON):** corpo e identidades. 446f. Pós-Lit – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2017.

VINHOSA, Luciano. Território: um evento que dá lugar à experiência estética. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS PANORAMA DA PESQUISA EM ARTES VISUAIS, 17., 2008, Florianópolis. **Anais eletrônico.** p. 1856-1868.